ANO 8.º — Sexta-feira, 30 de Julho de 1915 — NUMERO 381

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR
Arnaldo Ribeiro

Propriedade da Empresa

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—AVEIRO

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

(AVENÇA)

A intervenção de Portugal na guerra europeia

A magna questão da intervenção de Portugal no atual conflito europeu tem, além das expostas no anterior artigo do *Democrata* a este mesmo titulo subordinado, algumas outras faces que, por falta de tempo e de espaço, então deixámos de encarar.

Nem admira que assim seja.

Uma questão da transcendente importancia désta, basilar para Portugal, forçosamente se havia de prender, nos seus multiplos aspectos, a variadas manifestações da nossa vida nacional.

Mas, por mais gràve e complexa que ela seja, urge olha-la de frente e resolve-la francamente.

Não será em semi-neutralidades manhosas e cobardes que ela encontrará a solução mais condigna e conforme com os interesses de Portugal.

Sabe-se, pelas lições da Historia, que, desde que o nosso país entrou na decadencia, foram sempre essas atitudes dubias muito do agrado das classes dirigentes nacionaes. Mas, egualmente, essas lições nos ensinam quaes os prejuizos, de ordem moral sempre e de ordem material muitas vezes, fatalmente derivados desse modo de proceder, que acabava, infalivelmente, por nos acarretar a indiferença desdenhosa dos amigos e o despreso dos inimigos.

Nas paginas da historia lastimosa da nossa decadencia, de D. João III a D. Manuel II, os exemplos abundam.

Destacaremos dois, como mais frisantes.

Como é sabido, a Holanda, ao tempo inimiga encarniçada da Espanha, aproveitou-se da perda da nossa independencia, em 1580, para se apoderar de grande parte do dominio colonial português. O nosso imperio no Oriente, rude e insistentemente atacado, caíu quasi totalmente nas mãos dos holandezes, que, não saciados, volveram olhos cubiçosos para o Brazil.

Em 1624 tomam-nos a Baía e em 1630 Pernambuco e as capitanias situadas ao norte do rio S. Francisco, isto é, conquistaram-nos cêrca de metade dos territorios brazileiros que ocupavamos.

Repelido, pela revolução de 1640, o jugo filipino, concertámos paz com a Holanda, inimiga, como Portugal, da Espanha.

Pois, não obstante, viu-se o curioso espectaculo de continuarmos em luta com os holandezes no Brazil, donde só em 1654 conseguimos expulsa-los definitivamente, e o espectaculo ainda mais interessante de, em agosto de 1641, eles se apossarem de quasi toda a nossa provincia de Angola, que só volvidos 7 anos, em egual mez de 1648, foi reconquistada por Salvador Correia.

Durante estas lutas, as relações das duas côrtes permaneceram duma cordialidade inalterada, tal qual, presentemente, as nossas com a Alemanha!

O que não sabemos é se aos combates que então tivémos com os holandezes se dava, tambem, o nome de *incidente nas fronteiras* e aos prisioneiros o de *internados*...

Como se vê, o dubio feitio jesuitico nacional tem longas, seculares raizes.

Dele e dos seus deploraveis resultados consigna, porém, a Historia um mais carateristico exemplo.

E'-nos ele fornecido pelo periodo revolto da primeira republica e do primeiro imperio francez, periodo este aliaz fertilissimo em factos que patentemente viéram evidenciar a falencia moral de grande parte da sociedade portuguêsa. Com efeito, de que série tragica de vergonhas, de grosseiras artimanhas imbecis, de ignominiosas cobardias não foi teatro o solo de Portugal, desde que aqui chegaram os primeiros écos da Revolução Franceza até que Junot, pela capitulação de Cintra, se viu forçado a abandona-lo!

E, dado o estado, por então, do nosso país, nada surpreende que assim fôsse.

Portugal, que o braço poderoso do grande ministro do rei D. José tentara debalde erguer do marasmo secular em que dormitava, vivia então no mundo como um sonambulo.

A' força de pensar no céu como que perdera o contacto com o movimento da civilisação europeia, alheando-se das coisas da terra.

Um povo analfabeto e rotineiro, explorado por uma classe sacerdotal ignorante e devassa e por uma nobreza boçal e desmoralisada, tudo isto presidido por uma rainha doida e um principe regente imbecil, tinha cristalisado no ideal mistico de alcançar o reino dos céus, mercê duma vida passada em rezas, jejuns e festas de egreja!

Sob esta capa de beatice lavrava, já se vê, a maior imoralidade.

Nésta especie de grande convento, a administração energica do grande Pombal pára como que uma trovoada, da qual poucos vestigios restavam.

Concebe-se que nisto de pavor e odio beato haviam de despertar, neste meio fanatico e sorno, os écos da Revolução Franceza.

Reis julgados, condenados e executados, os altares profanados, os padres e os nobres monteados e guilhotinados! Jesus! O beaterio português, estupido e crente, sinceramente julgava ter chegado o anti-cristo e andar já á solta por terras de França.

Pina Manique aprestava-se para empecer a féra a entrada em Portugal; o povo, informado do caso pelos padres, os frádes e os senhores capitães-móres, quedava-se num pasmo atonito; e as classes dirigentes barafustavam desorientadamente, tomadas de fanatico furor.

Pois, por maior que esse furor fôsse, era tal a sua degenerescencia de caracter que nada houve capaz de os fazer assumir uma atitude definida e digna.

E Portugal andou vinte anos aos baldões, ora combatendo ao lado da Inglaterra, ora ajoelhando, repeso, aos pés da França, ora levando puxões de orelhas da nossa aliada, ora rudes, formidaveis pontapés napoleonicos.

Désta politica internacional de *páu de dois bícos*—muito querida ainda hoje de grande numero de portuguêses, que, presumindo-se muito espertos, cuidam que, por isso, lhes é facil *camer* os outros por tolos—resultou para Portugal basta soma de prejuizos, dos maiores dos quaes foram a perda, apoz curta luta inglória, de Olivença, em 1801, e o desprezo unanime de amigos e inimigos.

Só em 1807, depois da fuga da familia real para o Brazil, acompanhada de milhares e milhares de serventuarios e apaniguados, é que o país, como que liberto dum virus malefico, entrou a trilhar melhor caminho, tomando, por fim, uma atitude definida e resoluta, que o fez saír com relativo brilho da luta grandiosa que, até 1815, ensanguentou a Europa.

Como se vê por estes frisantes exemplos, tem Portugal tudo a ganhar com o definitivo abandono da tradicional diplomacia do *páu de dois bícos*, da qual a nossa atitude no actual conflito europeu tem sido, ainda, um tipico e triste exemplo.

Ameaçados nos nossos mais vitaes interesses nacionaes e, até, na nossa independencia pelas veleidades da politica pangermanista, é dever de Portugal combate-la em todos os campos.

Aliados, desde os tempos já remotos de D. Fernando, da Inglaterra, cumpre-nos acudir ao apêlo désta nação, mantendo um pacto de aliança que tem sido e é a salvaguarda da independencia patria.

E que esse apêlo nos foi feito, crêmos que não resta hoje a menor duvida, nem mesmo nas mentes desvairadas dos politicos que o negavam.

Concordâmos plenamente em que seja aborrecido trocar os comodos da vida de quartel pelas agruras, trabalhos e perigos dos campos de batalha.

Mas, que diabo! Se não houvésse a possibilidade de haver batalhas, não seria preciso existirem exercitos. Para as necessidades da policia interna bastaria uma guarda republicana generalisada a todo o país. E para mero pretexto de ostentação de bem polidas bainhas de espada e de vistosos fardamentos, crêmos que a nação não estaria disposta a fazer o doloroso sacrificio de inscrever anualmente 10 ou 11:000 contos no orçamento do ministério da guerra.

Além disso, por barbaras e opressivas que, na opinião da talassaria, sejam as leis da Republica, parece-nos que ainda se não chegou ao extremo de decretar que alguem fôsse preso para oficial, ou mesmo para sargento.

E, por consequencia é logico acreditar que todos os que escolheram a nobre, mas arriscada, profissão das armas o fizéram voluntariamente, conscios das gràves responsabilidades que assumiam e dos dolorosos sacrificios que, em dias de crise, a Patria teria o direito de lhes exigir.

Mas, diz-se, que não estamos preparados para entrar em campanha, tudo nos falta—instrução militar, cavalos, armamento, munições e dinheiro, que é o nervo da guerra, a mola real de todos os empreendimentos.

Com efeito, assim é.

Para mais, o envio de numerosas tropas para Angola e Moçambique, tornado necessario para repelir os ataques alemães áquélas nossas possessões ultramarinas, veio desorganisar as forças que estavam sendo mobilisadas com destino aos campos de batalha da Europa.

Mas todas estas deficiencias são remediaveis.

Quanto ao dinheiro, é sabido que a Inglaterra o faculta ás nações que a seu lado queiram combater os sonhos barbaros do pangermanismo.

Quanto ás armas, cavalos, munições e incompleta instrução militar do soldado, com a guerra a durar, temos tempo de sobejo para suprir todas estas faltas.

Crêmos mesmo que já estão, em parte, a caminho de serem supridas, pois, provavelmente, deve ser esse um dos fins das missões militares que, há semanas, o governo português mandou ao estrangeiro.

E, se não fôssem as sujas artimanhas da abjecta ditadura pimentista, que, atraiçoando os mais altos interesses nacionaes, fez todos os esforços por retardar e, até, por impedir a nossa intervenção na guerra europeia, já certamente taes faltas estariam remediadas.

Logo que o estejam, é imprescritivel dever de Portugal honrar os seus compromissos internacionaes, defender os seus mais vitaes interesses e lutar pelas suas tradições mais queridas, correndo, de armas na mão, a combater ao lado dos que pelejam pela liberdade e pela independencia dos povos.

M. de E.

*O **Democrata** é o jornal de maior tiragem e circulação e **mais barato** que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Films . . .

A crise

Sempre tinham razão de ser os boatos que na ultima semana correram de crise ministerial visto a modificação porque passou o gabinête da presidencia do sr. José de Castro. Assim este, que sobraçava a pasta da guerra, passou-a ao sr. major Norton de Matos, que, por sua vez, deixou a pasta das colonias entregando-a ao sr. capitão-tenente Rodrigues Garpar, cujo nome figurou no ministério Azevedo Coutinho.

Quanto ao sr. Barbosa de Magalhães, nada, mesmo nada. Falar-se nele foi apenas um *valão de ensaio*, como diría um dos mais apreciaveis jornalistas locaes...

Discreteando

Palavras do nosso presadissimo confrade da Guarda, *O Combate*:

> Aqueles que se servem da imprensa unica e simplesmente como um meio de satisfazerem vaidades e ambicões, que se pôem a rabiscar coisas sem ideias nem ideiaes, sem a minima preocupação artistica, scientifica, sociologica, sem um intuito nobre de concurso na obra grandiosa e gloriosa do aperfeiçoamento humano, não concebem que outros não sejam o mesmo.
>
> Jámais a imprensa se lhes mostra como uma escola, um campo de lutas para o pensamento, mas lutas alevantadas e nobres de onde possa saír o ensino e a educação para o iluminar da consciencia, o espiritualisar do sentimento, o formar e conformar a Alma.
>
> A imprensa é apenas o instrumento para o satisfazer de odios e ganancias; chave para o abrir das portas do parasitismo; bolsa para a guarda dos trinta dinheiros da venda da consciencia e do aluguel do caracter.

O' coléga: será possivel? Então pela Guarda tambem existem *bichêsas* ?!...

Carolismo

O nosso coléga *Jornal de Albergaria*, noticiando a celebração duma festa á *Virgem Imaculada*, escreve entre outras coisas:

> «O altar da Virgem, cujo docel, formado de custosos damascos azul e branco sustidos por mimosas grinaldas de flôres, estilo Luiz XV, cintilante de cristaes e pratas, onde brilhavam centenas de lumes e desabrochavam as mais cuidadas rosas, revelava o *savoir faire* do ilustre juiz désta comarca sr. dr. José Luciano Corrêa de Bastos Pina.»

O' sr. ministro da Justiça: porque não manda V. Ex.ª vestir a este magistrado em vez da béca uma sobrepeliz, metendo-lhe o turibulo nas unhas em vez da vara que lhe destinam?

Este é dos que pedem *separação* como pão para a bôca... E depois... que se queixe ao bispo...

POR ESTARREJA

Precedendo a carta, que os nossos leitores conhecem, enviada pelo director do *Democrata*, ex-administrador de Estarreja, aos dois periodicos *Concelho de Estarreja* e *Jornal de Estarreja*, lê-se o seguinte que, com a devida permissão, transcrevemos:

Do *Concelho de Estarreja*:

Administrador

Acaba de abandonar o lugar de administrador deste concelho o sr. Arnaldo Ribeiro, director do nosso ilustrado colega de Aveiro *Democrata*, que se estava desempenhando das funções que lhe foram confiadas com isenção e imparcialidade.

Por vezes aqui nos referimos á sua acção como administrador deste concelho, elogiando-o pela energia que estava desenvolvendo e pelo criterio que sempre imprimiu aos seus actos de funcionario publico.

Tivémos razões para o fazer não podendo ninguem atribuir-nos o desejo de fazer obra politica, levantando o nome duma autoridade que nem conhecemos pessoalmente, nem as suas ideias perfilhâmos.

Olhámos apenas para o administrador deste concelho, para a sua obra e sua conducta, que nos agradou, como deve ter agradado á grande maioria deste concelho que, nos actos desse funcionario viu um homem digno de ocupar tão honroso cargo. Hoje, que ele abandonou esse lugar, não temos duvida em reiterar agora o que aqui então dissémos sobre o seu procedimento, sentindo e lamentando a sua saída e fazendo votos para que a nova autoridade administrativa deste concelho se oriente nos principios de tolerancia, imparcialidade e rectidão do seu antecessor.

Do sr. Arnaldo Ribeiro acabamos de receber a carta que abaixo segue, na qual sua ex.ª nos agradece a nossa atitude para com ele e esclarece as razões e motivos que determinaram a sua resolução.

Nada, coisa nenhuma, temos com isso, porque, demais a mais, a questão deu-se entre a mesma familia politica, entre correligionarios e amigos de ontem, a quem as colunas deste jornal serão facultadas se porventura quizerem defender-se de qualquer afirmação menos verdadeira que esta carta contenha.

(*Segue a publicação da carta*)

Do *Jornal de Estarreja*:

Arnaldo Ribeiro

Após uma curta demora á frente da Administração do nosso concelho, retirou ha dias para Aveiro, tendo a gentileza de fazer-nos as suas despedidas, o sr. Arnaldo Ribeiro, director do *Democrata*, daquéla cidade.

O sr. Ribeiro, que durante a sua permanencia aqui soube desempenhar as funcções do seu cargo a contento de toda a gente de senso e ponderação e se viu forçado a abandonal-o exactamente pela correcção do seu proceder, que limitou sempre ao stricto cumprimento dos seus deveres de republicano justo e contemporisador, evitando irritações e violencias, nunca se prestando a politiquices e favoritismos, dá abaixo a razão do seu proceder no abandono da administração.

Toda a gente sabe quanto somos avessos á inserção de referencias a qualquer dos redactores deste jornal, mas os factos passados com o nosso director obrigam-nos não só a isso como ainda a destacar outras que em bréve hão-de vir, comprovativas da razão do seu proceder em face da maneira pouco correcta como o trataram alguns dos chamados elementos democraticos do concelho de Estarreja.

Temos tempo de conversar. E porque dessa conversa alguma coisa de extraordinario virá á supuração, talvez, segue-se que tudo é necessário que aqui fique tão cientes estâmos já de que nada do que nos exigiram será posto em prática pelos que tão assudados andavam em compelir-nos áquilo para que lhes falta inclusivamente a coragem.

Vergonha das vergonhas!

Interesses locais

O hospital

Uma das mais justificadas aspirações de todos quantos por esta terra nutrem ainda que só um leve sentimento de afeição, está felizmente prestes a realizar-se.

Referimo-nos á mudança do hospital para o novo edificio que ultimamente foi construido, o que ha muito se deveria ter realizado se, nas diversas direcções daquéla casa, superintendesse alguem, nutrindo a decidida bôa vontade e o intimo conhecimento de que tal medida urgentemente se impunha.

Todavia os anos tem decorrido e este assunto, que não só abrange aqueles que a fatalidade conduz ao conforto caritativo hospitalar, mas ainda toda a população da cidade, no centro da qual funciona essa vergonha que para aí nos deprime aos olhos dos visitantes e nos ameaça como permanente fóco infécioso, foi criminosamente votada ao mais completo abandono e indiferença.

A eleição, porém, da nova mesa, que elegeu provedor o sr. dr. Lourenço Peixinho, resolveu, sob proposta deste, efectuar, com a possivel brevidade, a mudança, para o que se iniciaram todos os trabalhos, que não são poucos, para que esta esperança, já considerada perdida, seja no mais curto espaço de tempo um facto absolutamente consumado.

Não regatearemos, por isso, os nossos maiores louvores ao atual provedor e seus colégas, que, num decidido empenho, se propõem realizar um dos mais importantes melhoramentos, evitando ao mesmo tempo que se danifique um edificio importante que, pouco a pouco, iria sofrendo as fataes consequencias do seu abandono, quando é certo que tal construção representa esforços, dedicações e até sacrificios de muitos dos nossos concidadãos.

Bem sabemos que o edificio tem ainda de sofrer rectificações de fórma a poder servir para o fim a que se destina.

Não é segredo para ninguem que o atual hospital funciona ha largos anos num casarão putrido ao qual faltam todas as prescrições higienicas: insolação, orientação, ar, luz e até a propria zona sanitaria sempre exigida em construções désta naturêsa, para evitar assim que a população urbana se aglomere á sua volta. As enfermarias estão colocadas umas por baixo das outras, sem venti-

lação nem meio de renovar o ar, fatalmente viciado e pernicioso, prejudicando não só o tratamento do doente mas a sua propria convalescença, visto faltar-lhe os principaes factores—a alegria e a luz—porque infelizmente a disposição e o aspecto desse velho e infecto pardieiro é tumular.

O cheiro dos desinfetantes é de tal natureza que se espalha por grandes distancias, invadindo as habitações mais proximas, não referindo a sua situação, no amago da cidade, o barulho prejudicial do movimento da rua, etc., etc.

Não nos propomos fazer aqui uma analise, embora resumida, das razões justificativas da condenação, sem agravo, do velho casarão, mas basta, além do já citado, registar que ha casas ali que servem de enfermarias nas quaes os pertores das janelas estão 3 metros acima do pavimento, de fórma que a camada de ar neste espaço, é absolutamente impossivel renovar-se.

Como contraste e confronto resumidamente diremos que o novo edificio destinado ao hospital e construido na antiga quinta de Santo Antonio, ao poente do Jardim Publico, tem uma area de 15.342 metros quadrados, medindo no seu maior comprimento—norte a sul—162 metros e na sua maior largura 90. A sua lotação compõe-se:

1.º — Casa de administração, tendo no primeiro andar compartimentos onde ha quartos particulares—a pagamento—e todas as dependencias necessarias para o serviço hospitalar. No segundo andar: salão nobre, aguas furtadas para arrecadação de roupas, dormitorios de enfermeiros e na cave, dispensa, adega, armazens para lenhas, etc.; 2.º enfermarias para doentes de molestias comuns, com 23 leitos cada uma. A cubagem de ar nêstas enfermarias é de 61.^{m3} 625 por leito; 3.º—pavilhão de maternidade com espaço bastante para sete leitos e mais quatro compartimentos proprios para esse serviço especial; 4.º—pavilhão de molestias contagiosas, sistema Tollet com capacidade para dez leitos em cada um dos compartimentos, havendo para estas enfermeiro especial; 5.º—pavilhão mortuario com casa de autopsia e quarto para deposito de cadaveres e para o respectivo guarda; 6.º—pavilhão de estufa de desinfecção e latrinas geraes; 7.º—deposito de agua para ser distribuida para todos os pavilhões por meio de canalisação de ferro esmaltado.

Como se vê a lotação do novo hospital é de 73 leitos, que, distribuidos pela área do terreno, dá uma zona sanitaria de 210 metros quadrados por leito, zona superior a muitos hospitaes permanentes em diferentes pontos da Europa. Para o efeito da ventilação e impermeabilidade foram adotadas as mais modernas precauções, sob a superior indicação do notavel homem de sciencia, dr. Costa Simões.

Facilmente se conclue, pois, que, satisfazendo o novo edificio a todas as prescripções de caracter moderno, não póde sequer haver a mais leve aproximação com o velho pardieiro que, com todo o seu lugubre aspecto, pezado e sepulcral, tem concorrido para amargurar as ultimas horas de tantos infelizes que entre as suas humidas e pardacentas paredes, a morte e a dôr tem aniquilado.

Está hoje reconhecido que a alegria e a distração são factores importantes para abreviar uma cura e para um rapido restabelecimento. Ainda ha pouco, em Milão, se efectuou uma assembleia a que assistiram todos os pintores e artistas para que cada um concorresse com os seus trabalhos afim de serem guarnecidas e decoradas as enfermarias e mais compartimentos dum novo hospital ali construido, tanto assim é.

Em bréves dias terão começo as obras que faltam e que neste momento são absolutamente indispensaveis concluir, como: a *marquise* de ligação dos corpos centraes ás enfermarias; abertura das valas para assentamento da canalisação destinada aos esgotos, gaz e agua; o alargamento dos corredores e por ultimo a frontaria e terraplanagem até ao muro, que faz frente á rua e que será devidamente substituido em harmonia com o fim destinado.

Para estas despêsas, que montam a cêrca de mil escudos, tem já o atual provedor o necessario para dar principio á obra, contando egualmente comprar mobiliario, para o que já tem modelo escolhido e que sairá da propria industria local.

Por o que aqui resumidamente referimos o ainda por quanto sabemos, está animado e intimamente decidido o dr. Lourenço Peixinho, a levar por deante o que outros não quizéram ou não soubéram fazer e que ele, como homem de sciencia, melhor do que ninguem compreenden e reconhece. Pois não seremos nós que deixaremos de o louvar e incitar á realisação dessa obra, que por si só diz mais do que quanto podéssemos aqui escrever.

Eleição presidencial

No dia 7 de agosto deve o Congresso escolher o novo presidente da Republica cuja eleição recaírá, pelas presunções que temos, no sr. dr. Bernardino Machado, o candidato que até hoje reune mais probabilidades de ascender ao alto cargo politico da nação portuguêsa.

Seja, porém, quem fôr, o que o novo magistrado deve é ser quanto possivel neutral, não dividir a opinião, respeitar a lei, amar a Democracia e defender os seus principios para que a Republica possa triunfar, esmagando os *contraditores* em qualquer dos campos que eles apareçam.

Isso é o que nós desejâmos e comnosco, decérto, o país inteiro.

Festival

Tem logar ámanhã e não no domingo, o segundo festival em beneficio da Companhia dos Bombeiros Voluntarios e por éla promovido na cêrca do extinto convento de Jezus.

Tomam parte nele, além da distinta cançonetista, Consuelo Contreras, que tanto sucésso tem obtido nos saráus-concertos do *Café Internacional*, a Tuna de Esgueira, sob a habil regencia do sr. Paulo Guimarães, que executará o seguinte programa:

1.º—*O Cabula*—ordinario
2.º—*Malagueña*—Salero
3.º—Intermezo sinfonico da opera—*Cavalaria Rusticana*—Pietro Mascagni
4.º—*Recordação de Braga*—polka
5.º—*Entre-acto n.º 13*
6.º—*Pelo Minho*—rapsodia
7.º—*Segni Dorati, Doeto por Giorgi*—sinfonia
8.º—*O Seculo XX*—ordinario.

A entrada para o atraente festival noturno, será feita désta vez pela Rua da Corredoura e custa 5 centávos apenas, excepto se os frequentadores desejarem cadeira porque então custa o dobro.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

Pelo tribunal

—(*)—

Na passada segunda-feira desta semana correu o pano sobre o primeiro acto dessa *horrivel* tragedia, que, tendo principio numa decantada denuncia contra determinado *jornalista* local, o fez tambem pousar no banco dos réus, depois de, como *valão de ensaio*, segundo declarou, ter feito insinuações, embora indirectas, no orgão arquivista dos seus pensamentos, insinuações que julgou convenientes para o aparecimento de quem enfiasse a carapuça, que tão *habilmente* talhára, com o magnifico resultado de trazer ao seu *esclarecido* espirito a convicção absoluta do sugeito que praticou a acção...

A' scêna *cambronica*, como que representa a parte mais indecorosa da questão, seguiu-se, como natural consequencia, um desastrado encontro pessoal entre os principaes protogonistas, e assim vemos, de entrada, responder o sr. José Maria, que, por sinal, se apresentou irrepreensivelmente vestido, aprumado, falando com aquela verbosidade que o caraterisa desde o comicio da Fogueira, mas... com a calva á mostra...

A sala das audiencias está quasi repleta e no logar destinado aos advogados vê-se o sr. dr. Guilherme Souto, patrono do acusado, que, crêmos, foi a primeira vez que, no desempenho do seu mister, vêio, de Estarreja onde o exerce, ao tribunal desta cidade. Simpatico, extremamente correcto e delicado, o sr. dr. Guilherme Souto rapidamente conquistou as bôas graças do auditorio, que o ouviu com manifesto prazer, não só pelo timbre agradavel da sua voz, mas ainda pela fórma convincente de expôr e discutir. Hade permitir-nos, porém, o ilustre advogado que lhe digâmos que a sua oração, aliás bem preparada, pecou em demasia por tão manifesta desigualdade de proporções, redondando, por tal motivo, num formidabilissimo exagero, que, por completo, apagou a eficacia pretendida.

Mal empregada taréfa para tão mesquinho assunto.

Acordar versos de Dante, invocar Robespierre e Danton, clamar por José Estevam, referir episodios milagrosos da Rainha Santa Isabel e acabar por lastimar-se de não poder, como Samsão, atirar para cima de nós com o edificio do tribunal se o seu constituinte não fosse absolvido—permitam-nos que lhe digâmos com a maxima franqueza—foi querer por querer forçar demasiadamente a hipotese... a nota...

Safa!...

Sempre desejariamos ouvir o que diria o sr. Souto se o réu, em vez de lançar só o *valão*, tivésse morto, não por ensaio, mas a valer, o queixoso...

Felizmente foi arredado o receio do desmoronamento do edificio porque o digno presidente do tribunal logo absolveu o José Maria sem custas nem selos do processo.

Não ganhâmos para sustos, santo Deus...

Dr. Afonso Costa

Entrou em franca convalescença, tendo no sabado recolhido a casa, o grande caudilho republicano, que se espera compareça lá no Congresso quando se proceder á eleição presidencial.

Enorme, extraordinario jubilo aquele que nesse dia sentirão os que sincéramente amam esta patria.

Depois de morto...

O panagirico do sr. Afonso Costa por um dos jornaes de Espanha que mais teem combatido o glorioso português

Para não fugir á regra seguida pela maior parte dos jornaes tanto portuguêses como estrangeiros, *El Liberal*, um dos primeiros inimigos que o sr. dr. Afonso Costa conta na imprensa de Madrid, julgando, por errada informação, ter dessparecido da vida o prestigioso republicano e patriota a quem o desastre sucedido apenas fez recolher ao leito, escreveu o seguinte artigo, que já agora hade ficar atestando aquela falta de coerencia e pudor do jornalismo e dos homens que sistematicamente o combatem, chumbando-os ao pelourinho da sua infamia:

«Faleceu na noite de ante-ontem o politico mais notavel da nação visinha; o que podia ostentar melhor do que nenhum essa categoria, não só em relação com o seu país, mas tambem em relação com os povos peninsulares.

Faleceu pouco depois da intervenção cirurgica a que *in extremis* se julgaram obrigados os facultativos. Teve bom resultado a paracentese do timpano esquerdo e egualmente a ponção lombar, mas a vida, sem que nada pudésse fazer-se, fugiu daquele poderoso cerebro.

Não bastou, nem o amor da multidão, que se acumulava silenciosamente no hospital, e entre a qual, não um mancebo, como o que se ofereceu a Mirabeau, mas muitos, muitissimos homens, teriam dado o sangue das suas veias, para o insuflar nas do moribundo.

As fabulas é lendas que o rodearam durante as bréves scênas da sua acção politica, não o abandonaram á hora da morte. Voltou-se até a acreditar num fantastico atentado, considerando-se demasiado modesto para tal personagem um vulgar desastre de electrico. A esta cidade chegaram, não só de Badajoz como de vários outros pontos imaginarios, noticias de que, por causa do falecimento, tinha havido sangrentos disturbios nas ruas de Lisboa. Por cérto não houve mais que uma grande tristeza entre os amigos e entre os adversarios. Já os proprios católicos tinham nobremente começado a fazer-lhe justiça.

O que haverá agora em Portugal? Será um largo parentesis, não tanto de paz como de modorra.

Aquietaram-se as paixões; por obra do honrado eloquente, mas melifluo, Antonio de Almeida, o novo parlamento tributará ao seu defunto domador funerais de primeirissima classe; haverá ternas e inesperadas reconciliações; sobrevirá espontaneamente o que pretendeu, sem arte nem discreção, o bom Pimenta de Castro, e, antes de um ano, embora haja paz, embora todos pareçam satisfeitos, sentir-se-ha dentro de Portugal e dentro da instituição republicano um asfixiante vacuo.

Afonso Costa, para quem tivémos nos ultimos tempos mais censuras que para nenhum republicano português, era o governante unico em cujas mãos, trascorrido um curto lapso de tempo, estariam seguros e prosperos os destinos lusitanos.

Passou, ante proprios e estranhos, por um furibundo radical, por um implacavel demagogo, por um inovador fulminante, por um inimigo jurado de toda a indisciplina.

Era, contudo, o mais governamental, o mais conservador entre os companheiros de luta que no poder se tornaram rivaes.

Expulsou os jesuitas em tres dias, e, com eles, várias outras congregações religiosas; levou a cabo em tres mezes a Separação da Egreja do Estado e não precisou mais que duas semanas para implantar, por um decreto, o divorcio.

Passado o periodo febril dos primeiros mezes da Republica tivéram de entender-se com o tremendo debelador que ocultava o estofo de um habilissimo financeiro, os burguezes, os monarquicos, os beatos e os capitalistas.

Haveriam ido assim mesmo, não os jesuitas, presentindo uma negativa formal, mas as boas gentes do clero secular, agradecidos por se verem livres do jugo de Loiola.

Pondo de parte Mendizaval (?) foi Costa o unico financeiro que tem havido em Portugal desde os principios do seculo XIX. Num ano acabou com o *déficit*, apesar dos transtornos que a mudança de regimen e as insurreições fronteiriças tinham causado.

Realisou um *superavit* para o aplicar á marinha de guerra e substituiu a ridicula moeda imaginaria, amparada por uma tradição larguissima, por moeda racional, facil á contabilidade e á escrita.

A essa salvadora especialidade teria chegado ao fim de tres ou quatro anos de empenhadas lutas, e nela se teria lançado a ancora, transformando-se o revolucionario em estadista.

Entre as inumeras coisas de que aqui foi acusado figurou a do seu odio á Hespanha. Desatino enorme que pela sua propria enormidade foi acreditado por muitissimas pessoas.

Contudo, ninguem tinha sentido como ele a necessidade e a possibilidade futura da convivencia entre ambas as nações.

Queria dotar Portugal com um forte exercito e uma forte armada e anhelava vivamente que Hespanha fizésse o mesmo, pois que então, irmanados os dois povos e com imensos vinculos no Novo Mundo poderiam falar alto e viver independentes sem desatenderem, naturalmente, ás suas relações internacionaes.

Não fomos grandes amigos do excepcional politico português, não obstante lamentamos a sua prematura morte tanto como poderão faze-lo os seus mais apaixonados admiradores.»

Que tal? Não acham a prosa do *El Liberal* uma bôa resposta que se deve aproveitar para confundir as bestiagas que vivem de dizer mal de tudo e de todos?

Obra de arte

—(*)—

O nosso coléga de Ovar, *A Patria*, referindo-se ao soberbo quadro pintado pelo nosso conterraneo Carlos Mendes para a egreja matriz daquéla vila, escreve no seu ultimo numero:

«Foi inaugurado no domingo pretérito, na egreja matriz désta vila, um soberbo *panneau* destinado á elegantissima e artistica tribuna da capéla-mór. E' um trabalho primoroso do sr. Carlos Mendes, de Aveiro, artista tão distinto quanto modésto, que bem póde e deve enfileirar na vanguarda dos pintores de talento, conhecedores da arte do divino Rafael.

O quadro do sr. Carlos Mendes apresenta-nos um assunto religioso, encarado sob dois pontos de vista—o divino e o humano, mas que perfeitamente se ajustam e completam: no alto a alegoria da eucaristia e em baixo o Cristo falando ao povo, a quem promete dar-se sob a fórma eucaristica.

A parte superior, puramente idealisada, encanta-nos pela distribuição da côr e da luz e pela ingenuidade das figuras: 4 cabecitas de anjos em volta do resplendor da hostia e, dos lados, cherubins em adoração, tudo entre nuvens ondeadas dum anilado claro e vaporoso. A parte inferior, pelo contrario, é um pedaço de vida real, verdadeiramente humana e compreensivel e, por isso mesmo, o trabalho mais digno de apreço que o quadro contêm. No sopé de um monte, cujos recórtes se vêem ao longe numa dôce perspectiva e á luz de um sol poente que suavemente os ilumina, imprimindo á paisagem simples, mas bem caracteristica, um tom adoçado e levemente melancolico, destaca-se a figura sonhadora do Cristo falando ao povo. O grupo que o escuta é duma verdade flagrante, havendo figuras de atitudes magistraes, naturalissimas, cujos detalhes inteiramente se afastam dos traços convencionaes e rigidos das velhas academias de pintura.

O conjunto do quadro é bélo é grandioso, fazendo lembrar algumas das consagradas concepções de Rafael, Veroneso, Murilo, e Moreto. O vigor das tintas, a distribuição da luz, a disposição das figuras e o meticuloso cuidado das roupagens apropriadas á época, tudo isto, admiravelmente disposto numa vasta téla de 24,^{m2}5 de superficie, concorre para um todo harmonico, perfeito e completo, que nos deixa bem impressionados.

E' possivel que, descendo a particularidades minimas, alguem que não seja profano na arte da pintura, como nós em grande parte o somos, possa, com o escalpelo da critica, devassar qualquer pequeno defeito em tão vasto e pujante trabalho e, em tal caso, o campo livre fica para quem de direito se julgue com força para tanto. Enquanto a nós, limitamo-nos a deixar aqui bem consignada a nossa admiração pelo bélo trabalho de Carlos Mendes, felicitando-o sincéramente, tanto mais que ele não é uma individualidade estranha á nossa terra, pois néla conta grandes e justas simpatías.

O *panneau* de que vimos falando foi ofertado á egreja de Ovar pela sr.ª Maria Pereira da Graça, a quem tambem felicitâmos, por ter generosamente concorrido para uma obra de arte digna de vêr-se e admirar-se.»

Sentimo-nos orgulhosos por vêr assim apreciado o trabalho onde se revelam as aptidões artisticas dum aveirense, como Carlos Mendes, a quem uma vez mais felicitâmos pelos triunfos alcançados.

Junta Geral do Distrito

Reuniu no dia 28, extraordinariamente, a Junta Distrital que resolveu substituir vários membros, nomeando para a comissão executiva, como efectivos, os cidadãos Augusto da Cunha Leitão e Antonio Vidal e substitutos Manuel Lopes da Silva Guimarães, Elisio Filinto Feio, Manuel de Oliveira Costa e dr. Joaquim José Ferreira Batista Junior.

Deliberou responder a um oficio da câmara pedindo um subsidio para custear as despêsas com a elevação do liceu a central, que não podia a Junta, em vista do estado financeiro do seu cofre, contribuir com qualquer quantia. Como, porém, o beneficio de tal elevação interessa não ao publico em geral mas unicamente aos individuos que se destinam aos cursos superiores, que aqui queiram terminar os preparatorios no liceu, o que será justo é que sejam eles os contribuintes, pagando uma sobrecarga nas matriculas. No entanto dará todo o seu auxilio moral á ideia.

Aprovou a conta relativa á gerencia do ano civil de 1914 depois de ouvir o parecer da comissão encarregada do exame da mesma, reiterando a sua confiança na comissão executiva e resolveu pôr novamente a concurso o logar de chefe de secretaría segundo o preceituado na lei vigente.

A quem competir

Não será possivel evitar, principalmente aos domingos, que praças de cavalaria e infanteria transformem o mercado municipal em campo de evoluções e de parada, aglomerando-se em tão elevado numero que chegam a dificultar o movimento interno da praça, já por si custoso, atendendo á pequenez do recinto reservado ao publico?

A quem competir pedimos a sua pronta intervenção de fórma a que não se continue a repetir os mesmos casos ultimamente observados.

* *
*

E' do nosso dever chamar tambem a atenção do comando militar para que se não permita mais que a cavalaria atravésse as ruas da cidade á desfilada afim de se evitar quanto possivel a repetição de scênas eguais ás que ontem de manhã se presenciaram no Côjo e que podiam ter dado logar a funestas consequencias, segundo nos informa pessoa de toda a respeitabilidade.

Fóra de portas, na estrada que conduz ao campo dos exercicios, está bem porque o perigo de atropelamentos póde-se dizer que não existe, a não ser em casos verdadeiramente excepcionaes.

Pois não é assim?

CARTA

Do sr. Manuel Valente de Almeida e Silva acabâmos de receber a seguinte:

Estarreja, 27 de Julho

...Sr. Director do *Democrata*

Na carta de V. publicada no seu jornal de sexta-feira dà-se como sendo *o unico republicano antigo existente nestas paragens*, o sr. Francisco de Moura de Almeida Eça.

Peço perdão. Em 1887, quando ainda era muito creança aquele meu amigo, já alguem, que existe nestas paragens, era republicano.

Aos pedidos de demissão de um empregado e nomeação de dois, assim como á trama urdida para afastar V. do cargo de administrador deste concelho, assuntos versados na mesma carta, foi completamente alheio o aludido *alguem*.

Sem mais, com muita consideração

De V.
obscuro correligionario

Manuel Valente de Almeida e Silva

Desculpe-nos o sr. Almeida e Silva, mas apesar de o contarmos de ha muito no numero dos assinantes do *Democrata*, desconheciamos que realmente fosse um dos pouquissimos republicanos historicos de Estarreja. E a culpa tem-na o sr. Almeida e Silva exclusivamente por se ter retraído tanto, contribuindo assim para que á vontade e sem ponderação se pratiquem quantas asneiras lembram á *rapaziada* que tomou conta dos destinos dum concelho tão importante como é o de Estarreja.

De resto não é para admirar o proceder do velho republicano confessando-se alheio, estranho completamente á politiquice que tende a imortalisar o grupo de incomparaveis varões... assinalados...

Com isso só se honra e nada mais.

Escola Normal

Terminaram já, por este ano, os exames neste estabelecimento de ensino, que o nosso velho amigo sr. José Casimiro da Silva dirige criteriosamente e com inexcedivel competencia, tendo obtido plena aprovação, concluindo o curso, os seguintes alunos:

Aida Branca Simões das Neves Aguiar e Maria do Céu de Almeida, 19 valores; Adelaide Soares Pereira, Ana Pereira Mourão, Cesário da Cruz, Manuel de Pinho Lemos, Maria Clotilde da Silva Marques Gomes e Virginia da Rocha Trindade, 18 valores; Anacleto Pires Fernandes, Domingos dos Anjos Ferreira da Silva e Maria José da Silva Cruz, 17 valores; Adélia Dantas Cerqueira, Joana de Jesus Azevedo, José Teixeira da Costa, Maria dos Anjos Praia e Natália Dantas Cerqueira, 16 valores; Francisco Pereira Ramalheira, Herminia Seabra de Moraes, Luiza de Jesus Henriques, Maria Altina Dias e Maria da Conceição Fernandes Vieira, 15 valores, Emilia da Conceição Valente Martins, Laura da Conceição Ribeiro, Luiz Maria de Almeida e Santos, Manuel Estudante, Maria Barbara da Rocha Freire, Modesta Correia de Miranda e Palmira Correia de Miranda Rocha, 14 valores; Adolfo Ferreira Diogo, Albertina da Conceição Rezende, Amelia Augusta Maia Pereira, Argilio de Oliveira Miranda Rocha, Aurelio de Oliveira da Rocha, Clotilde Eduarda de Matos de Almeida Dias, Lucinda de Rezende e Silva e Maria da Encarnação Ferreira, 13 valores; Aurea da Conceição Rodrigues, 12 valores.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

Notas mundanas

Com sua familia esteve no domingo em Aveiro, dando-nos o prazer da sua visita, o sr. Joaquim Fernandes do Couto, que de Vila Nova de Gaia, onde reside, aqui veio em passeio recreativo.

Agradecemos a sua amabilidade.

✣ *Faz hoje anos o sr. dr. Fernando Batista, de Agueda.*

✣ *Regressaram de Caldelas os srs. capitão Marques da Naia e Alberto Rosa.*

✣ *Foi-nos grato cumprimentar nêsta cidade, onde estivéram com curta demora, os srs. dr. Amorim de Lemos, juiz do Congo e esposa; João Maria Roldão, administrador do concelho de Mira; João Soares, residente no Porto e Armando Lapa, de Espinho.*

✣ *Em gozo de férias acha-se já entre nós o sr. José Vieira Guimarães, laureado aluno de medicina da Universidade de Coimbra.*

O sr. Vieira Guimarães concluiu com elevada classificação o quarto ano do curso em que tem evidenciado o seu muito amor ao estudo e quiçá os seus vastos recursos intelectuaes pelo que não só o felicitâmos a ele como tambem a seu estremoso pae, o nosso velho amigo sr. José Gonçalves Gamélas.

✣ *A ocupar o seu* fauteuil *no Senado, partiu para Lisboa o sr. dr. Simão José.*

✣ *Esteve alguns dias retido no leito com fortes dôres reumaticas, o nosso querido amigo, dr. Abilio Marques, que felizmente se acha quasi restabelecido.*

JULGAMENTOS

Em audiencia de juri foram ontem condenados no tribunal da comarca os réus Manuel Marques Rebelo, Maria Pereira e Margarida Pereira, acusados dum importante roubo praticado nesta cidade e dos quaes foi defensor o sr. dr. Jaime Silva.

A setença foi mal recebida por não corresponder, dizem, á gravidade do delito.

Nos dias 2, 11 e 14 de Agosto teem logar novas audiencias em que terão de responder respectivamente os réus, Antonio Garcia, de Aveiro, defendido pelo sr. dr. Antonio Emilio; Julio Nunes Carrancho, de Nariz, defendido pelo sr. dr. Ferreira Gomes e João Gomes Claro, defendido pelo sr. dr. Jaime Silva, todos tambem por furto.

Confronto

Já agora tantas quantas vezes no tribunal judicial apareçam advogados de fóra desta comarca, naturalmente nos ocorre o logico confronto entre eles e o grosseirão que, requisitado por tios e sobrinhos, o *Pilécas* para aí mandou espinotear e insultar todos e tudo, em frase desbragada de almocreve aguardentado ou em calão roufenho, que já, em Almeida, merecera da imprensa, como prova das suas autenticas virtudes, a designação tipica que por aqui, em tempos idos, imortalisou o *dôce Maria*...

E' que Aveiro tem por obrigação não esquecer as afrontas que, por intermedio do farçola, recebeu dos mistificadores da Vera-Cruz, distinguindo, dentre os que a taes papeis se prestam, aqueles que da toga não fazem rodilha, da consciencia esfregão.

EXAMES

Com a classificação de *optimamente* ficaram aprovados no dia 27 em exame do 1.º grau a menina Alegria dos Anjos Teixeira Aidos e o menino Manuel Simões Teixeira, ambos filhos do nosso amigo sr. Ventura Simões Aidos, acreditado industrial estabelecido em Agueda.

Cordeaes parabens.

Na rua de José Estevam n.º 37 (rua Larga) compra-se ouro uzado, trocam-se ou vendem-se bonitos objectos de ouro ou prata e concertam-se os mesmos por preços baratos na oficina e ourivesaria Vilar.

Comissão paroquial politica do Partido Republicano Português da freguezia de Esgueira

Eleição

Conforme estava anunciado, realizou-se no dia 27 do corrente a eleição da Comissão paroquial politica do Partido Republicano Português da freguezia de Esgueira, para o bienio de 1915 a 1917, sendo eleitos os seguintes cidadãos:

Efectivos

Filinto Elisio Feio, Paulo José Pereira Guimarães, José Antonio de Carvalho, João Francisco Pedro e Antonio José de Moraes Junior.

Substitutos

Augusto Antonio de Carvalho, Antonio Dias de Oliveira, Elisio Filinto Feio, José Nunes dos Santos e Manuel Francisco das Neves.

Esta eleição realizou-se em harmonia com o preceituado na Lei Organica do partido, ao contrario do que sucedeu com outra em que se arvorou chefe um ex-juiz da irmandade do Santissimo, afastado do cargo por virtude de irregularidades constatadas numa sindicancia que lhe moveu a Junta Geral do distrito.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Ciprisno.

Comunicados

...Sr. Redactor

Pela primeira vez lhe venho pedir um canto do seu muito lido jornal para relatar o seguinte curioso caso: residindo eu em Lisboa com minha familia, hoje ausente na freguezia de Aradas, desse concelho, fiz aqui em tempo devido o registo dum filho o qual se chama Manuel da Silva Pereira. Como, porém, esteja correndo uma acção de divorcio entre mim e a minha consorte estranhei que a creança fosse segunda vez batisada, agora pelo vigario Antonio dos Santos Pato, mesmo sem lhe ser apresentado o bilhete do registo em meu poder, o que me parece ser contra a lei.

Não se poderá saber como isso foi feito? Como o sr. vigario Pato arranjou essa coisa a que chamam *batismo dos inocentes?*

Pela publicação destas linhas lhe fica muito grato o que é

De V. etc.

Lisboa, 22 de Julho de 1915.

Manuel da Silva Pereira

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 23

Nos dias 19 e 20 do corrente tivéram logar nésta freguezia os exames dos alunos das escólas oficiaes daqui.

Foram propostos dez, que foram aprovados com as seguintes classificações: dois *optimos*, quatro *bons* e quatro *suficientes*. Foram propostas sete meninas, ficando duas *optimas*, tres *bem* e duas *suficientes*. Presidiu o professor de Fróssos, sr. José Gonçalves de Pinho.

=Continuam com grande actividade as obras para a conclusão da egreja paroquial désta freguezia, que ficará uma das melhores do distrito de Aveiro.

=Ainda se acha de cama, mas com algumas melhoras, o sr. dr. João Eduardo Nogueira e Mélo, distinto jurisconsulto.

Desejâmos-lhe rapido restabelecimento.

C.

✣

Pinhão, O. de Azemeis, 29

O cumulo da vingança azul e branca — Noticias coloniaes

A vingança não ha ninguem que não condene a não ser os ré probos ou os hipocritas religiosos

60

sinetes e se Albuquerque já está no seu logar e quaes as averiguações a que chegou e bem assim se o padre está já tambem no seu logar.

Se Fragoso definitivamente viér como aqui, sem duvida, se espera, deve Francisco Soto-Maior dar dai até á proxima 6.ª feira um telegrama nos termos seguintes:

D. Narcisa Ferreira, Picaria 18, Porto. Abraços á Zulmira. Adelia.

Francisco Soto-Maior tem tempo de passar este telegrama pedindo resposta a Fragoso, a quem telegrafará ámanhã mesmo, 4.ª feira.

O HOMERO EM SCENA—TREMAM...

Saltam logo aos olhos dos leitores vários pormenores que é necessário esclarecer. Antes, porém, assentemos isto: *o pequeno* que tão frequentes vezes surge nas linhas da epistola é, nem mais nem menos, que o nosso conhecido *Mijarêta*, o proprio autor das *ordens de serviço*. Foi o *Mélinho* que crismou o Jaime por esta maneira pitoresca.

Mas o que mais vivamente interessa, no lance, é uma personalidade a que a carta faz alusão e que tão discutida foi, por gregos e troianos, a quando da conspiração de 20. E' o célebre, o famoso Homero de Lencastre.

A ACÇÃO DO HOMERO

Nunca tão falseadamente se escrevêra em gazetas partidarias, em taréfa de ataque politico, do que quando se inventou para este personagem uma situação que nunca existiu. E tão longe foi a *fantasia* politica, que houve quem o apresentasse como um agente provocador, a soldo, inventando *fitas* e impelindo vitimas imbéles, criando, numa exuberante fantasia, todo esse brilhante e interessante cosmorama que temos desenrolado ante os olhos assombrados dos leitores, e mexendo, com esforço nunca visto, toda a vasta engrenagem dos bastidores da conspiração.

57

aguardando a hora oportuna para fazer a sua entrada sensacional. Passava pela horda conspirante um frémito daquéla inenarravel angustia que precede os grandes momentos histori os. Era a epopeia! E, como nestas horas de embriaguês heroica, a *massinha* tambem faz arranjo, e—deixemonos de lérias!—os herôes, de ordinário, custam caro, vá de se conseguir a espórtula para o herôe.

Nestes e nos de direito o Almiro de Vasconcélos foi entregar ao Jaime Duarte Silva, no Hotel Universal, a redonda soma de mil escudos que se destinavam ao Fragoso Coutinho.

João de Azevedo Coutinho não quer vir—Um importantissimo documento—E' preciso que Coutinho venha!—Homero de Lencastre—A sua acção na conspirata—Factos incontroversos—Os "companheiros„

AZEVEDO COUTINHO, COM PRESSA, QUER PARTIR

Teem, pois, os leitores, que muito assombrados devem andar com todas estas curiosas informações, o bom do Fragoso (Azevedo Coutinho) em Vigo á espera de ordens do *comité* revolucionario do norte.

Chegaram as ordens bem condimentadas e aqui é que foi Troia. Azevedo Coutinho, furioso, manifestou logo a resolução de regressar a Paris, visto que os trabalhos revolucionários se arrastavam com tão lamentavel lentidão.

As *boutades*, fanfarronadas do Jaime Silva, com que pretendiam iludi-lo e convencê-lo, não pegaram.

Não havia fórma de Azevedo Coutinho se demover perante as instancias do *Mijarêta*, que os leitores já vêem tomar essa atitude, pelo receio em que estava de ser apeado das culminancias da suprema chefia.

O Coutinho queria os chefes militares, de alta graduação,

Muitas vêzes aqueles que a providencia divina bafeja com a sorte da abundancia sem passarem sacrificios na vida, em geral são os mesmos que fazem uso desse terrivel flagelo, ignorando que ela espanca alguns actos de caridade que praticamos ou que esses mesmos praticam.

Eu sempre fui amante da magestosa caridade defenndo-a e rendo-lhe o mais venerando culto já que os meus sentimentos de uma religiosidade sã me mandam e odeio o monstro da vingança por ser um reptil venenoso que em geral sempre presegue o proletario. Ah! Religião do amôr que és esbofeteada, que és apunhalada por aqueles que te envolvem na politica pôdre e devassa, por aqueles que abandonam a tua doutrina, a tua catequese, o amôr do seu ministério sagrado, empregando toda a sua actividade numa furia satanica subornando sacrilegamente convicções, maculando consciencias que podiam ser puras, pervertendo os costumes sincéros dos ingenuos, do povo, com as suas exigencias vilãs e com a sua imposição despotica, atrevida e inconveniente, que são os teus sacerdotes! E tudo isto para quê? Para obter mais uma migalha que espera lhe seja atirada pelo deputado para quem trabalhou no subornamento de votos.

Se fôsse a apontar os que assim procederam néstas ultimas eleições e a fazer a biografia imoral de alguns, seria obrigado a dizer que não teem relutancia alguma em vista de tal procedimento, de apunhalar, despresar e pisar aos pés o proscrito da obediencia, já não digo—inteira—como ensina a doutrina, mas ao menos a indispensavel para desnortear os espiritos na sua fé e na sua crença. E' humanitario, é religioso despedir de caseiro esse honrado proletario, Manuel do Aido, vulgo *o militar* por que não se deixou subornar, por que não quiz dar o seu voto a esses viciados politiqueiros? E' o cumulo da vingança apoiada pelos profanadores da magestosa religião do amor, já que a sua vida é uma vida de impunidade!

* * *

Segundo informações recebidas de Moçambique dum amigo meu, aquilo por ali vae correndo á vontade dos famintos vampiros que, apoiados no tripudio da impunidade, não ha meio de os deslocar visto ali a justiça ser calcada aos pés. Dizem-nos assim:

O sultão, seguiu para aí para tirocinio; segundo dizem já é major graduado. Em Massuril, ficou interinamente o capitão Neutel porque não convinha outro, que tudo ía desmascarar, que era o que queria o major Camisão quando ultimamente para lá quiz ir como capitão-mór. Os usos e costumes são perfeitamente os mesmos e os mesmos mandões, pois que ainda cá temos o mesmo Gregorio, como governador, individuo que usa todas as côres que se apresentem, sem a minima relutancia. Já por aqui póde calcular o que isto continua sendo e não ha que fazer, pois só á força se póde fazer a substituição, como já aqui quiz fazer em 12 de setembro de 1913 quando foi duma conspirata que descobri e que telegrafei ao govêrno e escrevi, mas a amnistia aos conspiradores tudo abafou. Por agora não posso ser mais extenso. O caminho de ferro já tem linha assente até ao kilometro 30, ao Charepua. A guerra tem prejudicado muito pois se não fosse devido a ela já estava assente além Manapo, proximo de Jagaia (*sic*).

Côhonane

Juizo de Direito

DA

Comarca de Aveiro

CITAÇÃO EDITAL

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Por este juizo e cartorio do escrivão do quinto oficio—Cristo—que este escreve, se processam e correm seus termos uns autos de inventario orfanologico a que se procede por obito de Antonio Francisco Feiteiro, casado, ferreiro, morador que foi no lugar de Verba, freguezia de Nariz, e em que é inventariante Maria Ferreira, solteira, de maior edade, lavradora, daquele mesmo lugar e freguezia, filha do inventariado. E sem prejuizo do andamento dos mesmos autos, correm editos de trinta dias, a contar da publicação do segundo e ultimo anuncio no *Diario do Govêrno*, citando os interessados Perpetua Ferreira, lavradora, casada com Angelo Gama e Manuel Feiteiro Novo, solteiro, lavrador, de maior edade, ambos ausentes em parte incerta do Brazil, para assistirem a todos os termos até final do referido inventario e deduzirem a oposição que tivérem por meio de embargos ou impugnação, nos termos dos artigos 697, 698 e 699 do Codigo do Processo Civil.

Aveiro, 24 de Julho de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo.

JUIZO DE DIREITO

DA

Comarca de Aveiro

Arrematação

(1.ª publicação)

Em virtude de execução por custas e sêlos requerida neste Juizo pelo exequente, o Magistrado do Ministério Publico nésta comarca, contra a executada Maria dos Santos, viuva, jornaleira, moradora no Cabeço de Eireira, freguezia de Nariz, se hade proceder no dia 29 de agosto proximo futuro, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial désta comarca, á arrematação em hasta publica, afim de serem entregues a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, dos seguintes predios pertencentes e penhorados á executada:

Uma sexta parte dum predio situado no logar do Cabeço de Eireira, freguezia de Nariz, que todo ele se compõe de casas terreas, aido, pomar, vinha e terra lavradia, avaliada na quantia de oitenta escudos;

Um predio que se compõe de vinha e terra, situado no Fenal, freguezia da Palhaça, do qual é usufrutuario vitalicio Antonio Francisco Chincho, viuvo, lavrador, do Roque, freguezia de Nariz, avaliado com a dedução deste encargo em setenta escudos;

Um predio que se compõe de terra lavradia, situado no logar do Roque, freguezia de Nariz, do qual é usufrutuario vitalicio Antonio Francisco Chincho, viuvo, lavrador, do Roquê, freguezia de Nariz, avaliado com a dedução deste encargo em setenta e cinco escudos, e

A metade da metade sul de um predio situado no Outeiro Gordo, freguezia de Nariz, que todo ele se compõe de pinhal e mato, do qual é usufrutuario vitalicio Antonio Francisco Chincho, viuvo, lavrador, do Roque, freguezia de Nariz, avaliado com a dedução deste encargo na quantia de quarenta escudos.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem, querendo, os seus direitos.

Aveiro, 16 de Julho de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo.

de completo acordo e exigia a realisação do plano em que assentára em Paris e que expuzéra ao Jaime: **era necessário a supressão do dr. Afonso Costa e do ministro da guerra,** condição indispensavel para um exito seguro.

Neste intervalo, Mario Neves e Abel dos Santos Ferreira aparecem em Valença e participam para Vigo que havia correspondencia de arromba. Entretanto os mil escudos destinados ao Azevedo Coutinho voltam para as mãos do Abel, em vista da atitude daquele.

Chega a missiva do Jaime, e a sua leitura, que é duma importancia capital para os conspiradores, não póde deixar de ser bem analisada pelos leitores, pois que a proposito de tão notavel documento, várias considerações vamos fazer, que convém ter na melhor atenção, para esclarecimento da tenebrosa meada.

Eis a

CARTA DO JAIME SILVA

As ordens de Lisboa manteem-se e assim, a vinda do Fragoso é urgente, tendo causado muitos prejuizos de diversas ordens as suas várias faltas. O que é importante saber-se é que a entrada se vai tornando cada vez mais dificil e é preciso, antes da marcha ultima, demorar-se aqui dois dias para ultimação de trabalhos que exigem a sua presença.

Acresce a circunstancia de o pequeno estar agora um pouco mais apertado e ter necessidade, visto que ámanhã se abrem os tribunaes, de aproveitar dias cértos para a realisação de trabalhos de responsabilidade. Nestes termos, atendendo a que Lisboa mandou ao pequeno ordens muito terminantes sobre o assunto, a demora de Fragoso se não justifica, é preciso aproveitar este ultimo momento de pouca vigilancia, pois se diz que dentro em bréve o governo suspende garantias em todo o país, e atendendo mais que o pequeno, como já disse, tem agora de aguardar reservas e ter cuidados que até hoje tem iludido de alguma maneira, *é absolutamente preciso que Fragoso entre na noite de sabado, 4, para aqui estar na madrugada de domingo,* 5.

O pequeno diz se esta revolução falhar não mais quererá saber do assunto, e isto, fixe-se bem, não representando capricho é

simplesmente uma exigencia proveniente dos factos que se estão passando e do desejo de que tudo se prepare a tempo e corra bem. *Isto é positivo e categorico.*

Lencastre segue a Lisboa na quinta-feira, e o que traz na noite de ámanhã, 4.ª, deixa-o em S. Pedro, combinando-se desde já que Sá o espere ás 3 horas da madrugada no proprio escritorio á beira da estrada. Ou no local já uma vez combinado com o Lencastre. Isto diz o pequeno *que tem de cumprir-se irremediavelmente.* E o relatorio que Lencastre deve trazer entrega-o ao dentista logo na manhã de quinta-feira para que nessa mesma manhã siga para as mãos do pequeno.

Na 6.ª e no sabado até á tarde ha que fazer-se a distribuição do que se encontra em *Matos pequenino* e assim é conveniente que Lencastre regule as suas coisas em Lisboa de fórma que esteja aqui na 6.ª feira de manhã e o mais tardar no rapido das duas horas da tarde.

Porque parece ao pequeno que os companheiros de Chaves, V.ª Real e Lamego devem saír daqui para mais segurança na chegada, e visto que por aqui não ha em quem fiar relativamente á transmissão de ordens e combinação de serviços, esses companheiros devem ser entregues a Lencastre, na noite de domingo para 2.ª feira e na 3.ª feira estarão entregues aos seus donos sem a menor falta. Continua o pequeno a insistir porque estas indicações sejam rigorosamente cumpridas nos seus menores detalhes, porque está convencido que um novo adiamento faz perder definitivamente todos os trabalhos, e é preciso que tal não aconteça.

O pequeno chama para tudo isto a especial atenção de Francisco Sousa-Maior e de Sá Pereira pedindo-lhes vivamente todos os seus esforços que julguem necessários no sentido exposto.

De Vizeu insistem, por comunicação ontem recebida, para que D. José del Castilho, de Salamanca, envie rapidamente a encomenda, cuja falta está causando o maior desanimo e fazendo grande prejuizo.

Precisa o pequeno saber se D. José del Castilho, recebeu os